

## **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

*O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.*

### **Uma editora de oposição: Livraria e Editora Ciências Humanas**

Flamarion Maués<sup>1</sup>

Coordenador editorial da Editora Fundação Perseu Abramo e mestrando em história na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

#### **Resumo**

Dentro do quadro maior do estudo de editoras de oposição no período da abertura política no Brasil (1974-1985), o objetivo deste trabalho é esboçar uma breve história da Livraria e Editora Ciências Humanas (LECH), cuja atuação ocorreu entre 1976 e 1982, na cidade de São Paulo. A fonte principal da pesquisa até o momento são o depoimento a mim concedido e as memórias escritas pelo proprietário da LECH, Raul Mateos Castell.

Considerando que os dados levantados apontam que esta editora se encaixa no que classifico como *editoras de oposição*, levantarei algumas questões sobre as relações que se podem estabelecer entre a forma como se organizava econômica, administrativa e empresarialmente a LECH e os resultados obtidos pela editora, seja do ponto de vista empresarial, seja do ponto de vista editorial e político.

#### **Palavras-chave**

História editorial; Editoras de oposição; Editoras como empresas.

---

<sup>1</sup> Bacharel em História pela Universidade de São Paulo, onde cursa o mestrado na mesma área. Endereço eletrônico: [flamaues@terra.com.br](mailto:flamaues@terra.com.br) ou [flamaues@bol.com.br](mailto:flamaues@bol.com.br)

### **Editoras de oposição no período da abertura (1974-1985)**

Entre 1968 e 1973 o Brasil passou por intenso crescimento econômico, que ficou conhecido como “milagre brasileiro”, e pela intensificação da ditadura política instalada em 1964, com o aumento da repressão violenta a todas as formas de oposição ao governo. Na fase final desse período, a cúpula militar no poder viu-se na contingência de implementar um processo de distensão política – a “abertura” –, que grosso modo se inicia em 1974 (início do governo Geisel) e vai até 1985 (eleição de Tancredo Neves).

Nesse período, houve um grande incremento da indústria editorial brasileira – entendida aqui como aquela que produz livros –, que pulou de 80,2 milhões de exemplares e 7.190 títulos publicados em 1971 para 186,7 milhões de exemplares e 11.822 títulos em 1978<sup>2</sup>.

Um dos segmentos que teve crescimento expressivo foi o do que chamo de *livros de oposição* – ou seja, livros editados nos anos 1970 e início dos anos 1980 no Brasil que tratavam de temas que punham em questão a ideologia, os objetivos e/ou os procedimentos do regime de 1964 ou cujos autores faziam oposição ao governo. Estes livros podem ser classificados em alguns grupos: clássicos do pensamento socialista, obras de parlamentares de oposição, depoimentos/testemunhos de exilados e ex-presos políticos, romances e contos políticos, romances-reportagem, memórias, livros de denúncias contra o governo.

Isso foi decorrência da própria abertura política que se iniciava e da revitalização de editoras com perfil marcadamente político e de oposição ao governo militar, a partir da primeira metade da década de 1970. Elas compunham um universo que englobava desde editoras já estabelecidas – como Civilização Brasileira, Brasiliense, Vozes e Paz e Terra –, até editoras surgidas naquele período ou pouco depois – como Alfa-Ômega, Global, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós, Codecri, Livramento, Vega, entre outras. Algumas destas editoras foram criadas por partidos ou grupos políticos, alguns deles na clandestinidade, ou mantinham vínculos estreitos com esses grupos. Outras não estabeleciam vinculações políticas orgânicas ou explícitas mas, por sua linha editorial, acabavam representando iniciativas políticas de oposição.

Isso mostra também que havia um crescimento do mercado para o produto produzido por essas editoras – os livros de oposição –, assim como assinala que os limites impostos pela situação política do país ao que se podia publicar estavam sendo ampliados.

---

<sup>2</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (Sua história)*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985, p. 572.

Para que uma empresa<sup>3</sup> que edita livros alcance seus objetivos, ou seja, produzir e vender seus produtos garantindo uma margem de lucro suficiente para sua continuidade e expansão, é necessário que ela seja estruturada com um mínimo de visão empresarial e comercial, além de editorial. Ao conteúdo do que se vai publicar deve corresponder uma organização que permita produzir industrialmente os livros, armazená-los, distribuí-los e comercializá-los, além de uma administração que dê conta de fazer com que todas essas partes funcionem da forma mais harmoniosa e produtiva possível.

Este artigo pretende esboçar qual foi a história e como era a organização empresarial de uma destas editoras de oposição, a Livraria e Editora Ciências Humanas (LECH).

### **De livreiro a editor**

Primeiro surgiu a Livraria Ciências Humanas. Só alguns anos depois é que seu proprietário e fundador, o espanhol de nascimento Raul Mateos Castell, passou também a editar livros<sup>4</sup>.

A livraria nasceu em 1971, mas desde um pouco antes Raul e sua esposa, Terezinha, já eram livreiros, com duas bancas de livros na Cidade Universitária de São Paulo – campus que funcionava apenas desde 1968. Eram duas bancas, uma no prédio dos departamentos de História e Geografia e outra nos barracos, como eram conhecidas as precárias instalações em que funcionaram os cursos de Ciências Sociais e Filosofia durante vários anos, após terem deixado o prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo na rua Maria Antonia, no centro da cidade.

A livraria – e depois a editora – sempre teve um perfil acadêmico e de esquerda, vinculado à universidade, em particular à Universidade de São Paulo (USP). Suas origens remontam a 1969, ano em que Raul Mateos ingressou como aluno na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ESP) e em que também começou a trabalhar na Livraria Brasiliense, local que até os anos 1980 foi uma referência na cidade para os leitores, principalmente os de livros de literatura e da área de humanidades, com sua loja instalada na rua Barão de Itapetininga, no centro, desde 1943.

Raul contava então 29 anos e tinha uma história de militância política no Rio Grande do Sul, onde foi morar quando veio para o Brasil, com 15 anos de idade. Ali iniciou sua militância, primeiro no PCdoB (Partido Comunista do Brasil), e, em seguida, no PCB (Partido

---

<sup>3</sup> Adoto aqui a seguinte definição para empresa: “Organização destinada à produção e/ou comercialização de bens e serviços, tendo como objetivo o lucro”. SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo, Best-Seller. 7ª edição, 2001, p. 203.

<sup>4</sup> Todas as informações referentes à Livraria e Editora Ciências Humanas têm como fonte a entrevista a mim concedida por Raul Mateos Castell em 4 de julho de 2002, na cidade de São Paulo, e o manuscrito de suas memórias referentes a este período, gentilmente cedido por ele para esta pesquisa. No primeiro caso, as citações aparecem com letra normal, no segundo estão em itálico.

Comunista Brasileiro). Quando veio para São Paulo, onde chegou em 1964, depois do golpe civil-militar, trabalhou no ramo de lustres e durante um curto período tentou ser um empresário do setor, com uma pequena fábrica adquirida – sem capital – em sociedade com um amigo.

O fracasso dessa empreitada, ao lado de questões familiares como a morte de seu pai, fizeram Raul mudar os rumos de sua vida, começando um curso superior e buscando novas alternativas profissionais.

Certamente a vivência na faculdade e o trabalho na livraria foram fundamentais para que Raul estabelecesse uma série de contatos com professores e intelectuais que, de certa forma, se relacionam com sua trajetória posterior de livreiro e editor.

No último ano da Faculdade, ele deixa a livraria e começa a vender livros por conta própria para seus colegas e professores, “para ver no que dava”.

“Em uma semana ganhei mais do que em um mês na Brasiliense. Eu conhecia os distribuidores e os compradores. Vendia também livros importados, que eram mais difíceis de encontrar. Os professores me ajudavam muito, e como muitos deles faziam pós-graduação na USP, me davam indicações de cursos que estavam sendo dados lá e dos livros que os alunos precisavam. Tinha contato também com gente da PUC [Pontifícia Universidade Católica] e da FGV [Fundação Getúlio Vargas].”

O negócio era interessante, rentável e parecia promissor. O passo seguinte foi organizar de forma mais estruturada o empreendimento. A idéia era montar duas bancas de livros na USP, onde havia uma concentração maior de estudantes. Em 1971, com autorização do professor Eurípedes Simões de Paula, então diretor da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), passaram a funcionar as duas bancas, uma no prédio de História e Geografia e outra nos barracos das Ciências Sociais e Filosofia. Terezinha tomava conta da primeira e Raul desta última.

O negócio ia bem. “Eu pensava que se conseguisse montar uma livraria no centro, poderia canalizar para lá, além do pessoal da USP, que já me conhecia, também o pessoal da PUC, da FGV e da Sociologia e Política.” A idéia foi adiante e, a partir de capital levantado com a venda de um imóvel do casal Raul e Terezinha em Porto Alegre, foi possível montar a livraria. “Com este dinheiro compramos telefone, as estantes e o estoque inicial, além de alugar a loja,

na rua 7 de abril, próximo à praça da República. Conseguimos abrir a livraria sem dever nada a ninguém”, conta Raul.

O registro como firma individual foi feito com o nome de fantasia Livraria Ciências Humanas – nome sugerido por Maurício Tragtenberg, um dos professores que ajudaram Raul nos momentos iniciais de sua vida de livreiro.

As duas bancas na USP continuaram. Como as aulas eram apenas à tarde, era possível administrar a loja pela manhã – fazer pedidos, contatos, enfim, tomar conta do negócio – e estar à tarde na USP. Um funcionário, aluno da USP – Roberto Souto Pereira –, foi contratado para ficar na loja no período da tarde.

Além de vender em sua loja livros importados, Raul também os distribuía para outras livrarias, atuando também como distribuidor – antecipando o que ocorrerá novamente quando passar a editar livros. Os livros importados eram basicamente da área de política, do pensamento de esquerda. O surgimento da loja incrementou as importações. “Cheguei a viajar para a Argentina para importar livros.” Além da Argentina, o outro país do qual importava muito era a Espanha. “Começamos a importar aqueles livros que a maioria não tinha coragem de importar, Marx, Lenin, Trotski, essas coisas.”

A Livraria Ciências Humanas ficava próxima à Livraria Brasiliense, o que, segundo Raul, ajudou. “Quando alguém ia procurar um livro da nossa área na Brasiliense e não o encontrava, o próprio pessoal de lá indicava a nossa loja.”

A livraria da rua 7 de abril cresceu e se tornou uma das mais importantes da cidade na área universitária e de humanidades. “Ir no sábado de manhã à livraria do Raul foi durante alguns anos um programa obrigatório, para ver as novidades lançadas, saber das novas da política, encontrar amigos. Enfim, tornou-se um ponto de encontro, uma referência”<sup>5</sup>, lembra Gildo Marçal Brandão, hoje professor de Ciência Política da USP e na época pós-graduando desta universidade e professor da Escola de Sociologia e Política – e que seria um dos colaboradores de Raul na LECH.

Raul recorda que neste período, e até a abertura política avançar mais, a oposição abarcava um espectro amplo de pessoas e de pensamento.

“Era tudo um bolo só. O que interessava era se o sujeito era contra a ditadura, não interessava tanto se era social-democrata ou comunista, mais comunista ou menos

---

<sup>5</sup> Entrevista de Gildo Marçal Brandão ao autor em 21 de setembro de 2004, na cidade de São Paulo.

comunista. Era uma frente que começou a rachar com a democratização. E foi essa fragmentação que, em parte, acabou afundando a minha livraria, mais adiante.”

Já desde a entrada na Escola de Sociologia e Política Raul havia retomado contatos com pessoas de organizações de esquerda, mas sem vinculações orgânicas. Tentou retomar contato com o PCdoB, mas não conseguiu – a pessoa que era o contato do partido na ESP foi morta pela repressão. Raul acabou desenvolvendo laços mais fortes com o PCB, mas não imediatamente. Outras pessoas da ESP, como Marco Aurélio Nogueira e Gildo Marçal Brandão, também trilharam este caminho, o que terá repercussão direta na atuação editorial da empresa de Raul.

### **Problemas com a importação de livros**

Durante o período de existência da livraria, houve um caso de problema com a importação de livros de cunho político. Aliás, um caso muito ilustrativo do que ocorria naquela primeira metade dos anos 1970, em que a censura à imprensa era forte e constante e em que muitas autoridades se esforçavam para agradar seus superiores.

O problema ocorreu com os Correios de São Paulo. Um dia (VERIFICAR DATA) o despachante que cuidava da importação dos livros informou que havia um problema com uma remessa grande de livros, cerca de 30 ou 40 caixas, dizendo que pessoas do “serviço secreto” estavam por trás do fato. E, com isso, os livros não eram liberados. Após três meses de espera da liberação, Raul resolveu ir verificar pessoalmente o que estava acontecendo. Para isso, pediu ajuda ao professor Oliveiros Ferreira, do Departamento de Filosofia da USP (CHECAR) e muito ligado ao jornal *O Estado de S. Paulo* – um conservador ilustrado e culto, com ligações com o governo militar e amigos na esquerda. Oliveiros disse a Raul para procurar o Dr. Richard VER SOBRENOME, chefe da Censura Federal em São Paulo. Disse para que se apresentasse como amigo seu e que o procurara por sua recomendação.

Raul foi até o Dr. Richard, se apresentou como livreiro e importador de livros e explicou que estava tendo problemas com a liberação de alguns livros, que já estavam havia três meses parados nos Correios, por determinação de um funcionário. “Quero falar com a Censura ou com quem for o responsável para ter uma orientação, saber quais são os autores e livros proibidos, quais os assuntos vetados etc.”, explicou Raul. O chefe da Censura se mostrou muito surpreso com a informação – o que no primeiro momento pareceu a Raul até uma ironia do Dr. Richard, mas depois ele percebeu que não era – e pediu que o livreiro fizesse um

relatório narrando os detalhes do caso e o entregasse. Segundo o Dr. Richard, não havia ninguém nos Correios encarregado de fazer censura.

Raul fez o relatório e o protocolou na Censura Federal de São Paulo. “Fiquei aguardando notícias e passei a ir semanalmente lá para saber se havia alguma novidade. De tanto ir lá e bater papo com a secretária, ela acabou me contando que o meu caso gerara um alvoroço, havia sido enviada uma carta a Brasília, estava uma confusão danada.”

Ou seja, a Censura Federal descobriu que alguém nos Correios estava invadindo a sua esfera de atuação e não gostou nada disso – ao que tudo indica era gente ligada ao Exército que atuava nos Correios. Iniciou-se um conflito entre setores governamentais e militares em função do desrespeito às esferas de ação de diferentes setores. Para eles, a questão não se relacionava à apreensão dos livros nem à censura, mas sim à disputa de poder intragovernamental que o caso levantava.

Sem perspectivas de ver o caso resolvido pela Censura Federal, Raul foi aos Correios, onde foi atendido por um dos diretores CHECAR, coronel Lolito Oyama. Este, já conhecedor do caso, disse ao Raul: “Saiba o senhor que não é só a Polícia Federal que é responsável pela segurança nacional. Eu também sou responsável e o senhor também é.”

Diante disso, Raul respondeu ao coronel: “Posso até aceitar a incumbência, mas para exercer estas funções preciso de informações, saber quais são os critérios. Se não, amanhã o guarda da esquina pode chegar na minha livraria e mandar apreender todos os livros porque, na opinião dele, eles atentam contra a segurança nacional.”

Resposta irada do coronel: “Ponha-se daqui para fora. Se o senhor não está satisfeito procure a Justiça.”

O resultado final é que os livros não foram liberados e os editores estrangeiros que os enviaram começaram a cobrar o importador. Este agiu com uma lógica irrepreensível: não recebi a mercadoria, logo não posso pagar por ela; reclamem com o governo brasileiro. Ou seja, efetivamente criou-se um problema comercial e de relacionamento entre a Livraria Ciências Humanas e as editoras estrangeiras que vendiam livros para ela.

Oficialmente, não houve qualquer resposta da Censura Federal ao relatório protocolado por Raul a pedido do Dr. Richard.

Nessa ocasião Raul era membro da Câmara Brasileira do Livro (CBL). E, como associado, expôs a questão dos livros que havia importado e que estavam retidos nos Correios, solicitando à CBL que se pronunciasse sobre o caso.

“Então, o Guaraieb CHECAR, que era o secretário da Câmara, disse que já conhecia o meu caso – o que eu achei estranho, uma vez que era a primeira vez que o apresentava ali. Ele perguntou se eu importava livros de Cuba e da União Soviética. Eu respondi que desses países ainda não importava, só importava da França, da Espanha, da Argentina, do México, da Inglaterra. No final, ele me disse que meu caso era isolado, que só eu tinha este tipo de problema. Eu ainda contra-arguntei, citando o caso da Livraria Ler, do Ernesto Zahar, que também já havia tido problemas com a importação de livros, mas ele e a CBL não mudaram de posição. Na saída dessa reunião, perguntei ao Guaraieb se ele trabalhava na Polícia Federal, e ele respondeu tranqüilamente que sim, o que explicava como já conhecia o meu caso. Depois disso me desliguei da CBL, pois se os meus problemas eram muito específicos, não tinha sentido eu continuar fazendo parte dessa associação.”

Segundo Raul, este problema com a importação de livros foi uma das razões que o motivaram a iniciar a edição de livros.

### **O começo da edição de livros: Editorial Grijalbo**

Raul lembra que nos primeiros anos da década de 1970 havia sido criada a Editora Alfa-Ômega, por Fernando Mangarielo, que começou a editar alguns clássicos do pensamento socialista e teses de professores da USP. E também havia surgido o Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), fundado por ex-professores da USP que haviam sido cassados pela ditadura, e que começou a publicar os *Cadernos Cebrap*. “*Eu vendia muito bem estes livros*”, recorda Raul. “*Havia, de fato, uma ânsia de consumo de livros de esquerda, eles eram rapidamente vendidos logo que os recebia. As edições nacionais do gênero eram poucas e também os importadores que se arriscavam a importá-los.*”

No início de 1975, o Sr. Munfort, proprietário da Editorial Grijalbo Ltda., editora e importadora de livros, procurou Raul Mateos para propor-lhe que assumisse a sua empresa, comprando-a. Tratava-se uma conceituada importadora de livros e editora, em atuação no Brasil desde 1958, que importava e publicava livros universitários e que tivera origem na editora homônima cuja sede ficava em Barcelona, na Espanha.

A resposta de Raul foi que a Livraria Ciências Humanas não tinha capital para esta operação, o que era verdade. “*Mas comecei a ficar tentado pela idéia, além do que a Grijalbo era representante da Grijalbo da Espanha e do México e importava de muitas outras editoras desses países. Se eu adquirisse essa firma ampliaria muito a variedade de minhas importações.*”

Isso, e mais a demanda existente para os livros de esquerda, começou a atizar a imaginação de Raul para que se tornasse editor. “*Pensava que se uma parte da edição fosse vendida*



*diretamente ao consumidor por mim, ficaria com o lucro da editora e da livraria. Mais tarde verifiquei que as coisas não se davam exatamente assim.”*

A Grijalbo tinha uma coleção chamada Estante do Pensamento Brasileiro, dirigida pelo Prof. Miguel Reale, que era co-editada pela Edusp, que pagava toda a edição e ficava com mil exemplares, metade da tiragem. *“Aparentemente era um bom negócio mas, depois, com a experiência, vi que não era bem assim.”* Tinha também outros dois títulos que vendiam muito bem, *Curso de Psicopatologia* e *Tratado de Clínica Psiquiátrica*, ambos de Isaías Paim.

Munfort insistiu e propôs boas condições para que Raul comprasse a editora, o que acabou ocorrendo em 1975. Foram dez suaves prestações, pagas sem problemas.

Inicia-se, então, a vida de editor de Raul Mateos Castell.

Mais de 25 anos depois, ele resume esta experiência da seguinte forma:

*“A editora foi um desdobramento da minha prática, da minha experiência com a livraria. Fui vendo que havia alguns livros importados, livros em espanhol, que eram muito procurados, na área de história, filosofia; se eu mesmo os editasse em português seria uma boa. Mas anos depois percebi que essa era uma avaliação um pouco errada, achar que uma editora dá muito mais lucro que uma livraria. A lógica parece ser ‘se eu mesmo edito e eu mesmo vendo, evidentemente a minha margem de lucro vai ser muito maior’. Só que aí você não pensa muito que o custo também vai ser muito maior. Cheguei a ter sete funcionários na editora. Ou seja, eu poderia ter continuado sozinho com a Terezinha, minha esposa, e mais um funcionário, apenas vendendo livros. Seria muito melhor negócio, porque os meus custos fixos seriam muito menores. Mas isto são considerações *a posteriori*.”*

### **O editor “faz-tudo”**

*“Comecei a entrar em contato com a França, com o exterior, para negociar títulos para editar, para traduzir. Fui atrás também de coisas que já estavam traduzidas, que haviam sido editadas pela Editora Vitória” – editora fundada em 1944 e atuante até os anos 1960, vinculada ao PCB. De certa forma, a experiência como importador ajudava nessa nova tarefa, pois Raul já conhecia catálogos de editoras estrangeiras, pois os consultava para importar os livros. No entanto, havia outro aspecto da vida de editor que era novo para ele. “Tive que fiscalizar e aprender simultaneamente as diferentes etapas da produção do livro. Fazer contratos, achar tradutores, revisores, tanto das provas gráficas como das traduções,*

*providenciar desenho para as capas, calcular o custo e o preço de venda para as livrarias”, além dos processos de composição do livro. Começou a ser, em sua própria definição, um “editor faz-tudo”.*

Assim, o período matutino que era dedicado à administração da livraria passou a ser dividido com o trabalho editorial, pois continuava o compromisso de cuidar das bancas de livros na USP.

*“Os recursos eram poucos, não sendo possível criar rapidamente uma estrutura administrativa e de produção melhor. Depois verifiquei que jamais criaria essa estrutura e encerrei minhas atividades como editor.”*

A estrutura herdada da Grijalbo era a seguinte: uma funcionária responsável pelos serviços de faturamento e escritório; um office-boy; um vendedor praticista autônomo; e o contrato com um escritório de contabilidade que cuidava dos livros fiscais e impostos. Uma das primeiras medidas do novo proprietário foi contratar um vendedor exclusivo, para aumentar as vendas.

### **O trabalho editorial**

*“Quando assumi a Grijalbo havia dois livros em fase de produção: Clóvis Beviláqua, Obras Filosóficas, 2 vol., e Artur Orlando, Ensaios de crítica. Foi com esses dois livros que iniciei minha aprendizagem de editor-produtor.*

*“Em 1976 editei o primeiro livro de responsabilidade total da minha gestão na Grijalbo. Tratava-se de Miséria da Filosofia, de K. Marx. Além do critério ideológico, a escolha deveu-se ao fato de não haver nenhuma edição deste livro em português. A edição foi preparada e baseada na versão em castelhano realizada pelo Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou e impressa por Ediciones en Lenguas Extranjeras. Fiz a revisão e a correção utilizando como fonte original a nova edição de Misère de la Philosophie incluída nas Ouvres de Karl Marx, Economia, I, Bibliotheque de la Pléiade, Paris, 1963. Esta obra tinha sido escrita originalmente em francês. Trabalhei muito e o resultado, embora não perfeito, foi um bom começo. Ver pronto e circulando meu primeiro ‘filho editorial’ me deu uma grande satisfação.*

*“Em conversa com Reginaldo X. Carneiro Pessoa [professor do Departamento de História da USP] surgiu a idéia de criar uma coleção de livros [...] que versaria sobre temas brasileiros de história e política. A coleção seria dirigida por ele e Braz José de Araújo, professor do Departamento de Ciências Sociais, adquirindo desta*

*forma maior respeitabilidade acadêmica. Essa coleção chamar-se-ia Brasil Ontem e Hoje.”*

O primeiro livro dessa coleção foi *Oliveira Vianna e o Estado Corporativo*, de Evaldo Amaro Vieira, autor que fora apresentado a Raul, ainda no tempo em que trabalhava na Livraria Brasiliense, por Maurício Tragtenberg. O livro era a tese de doutorado que Vieira havia defendido na FFLCH-USP em dezembro de 1975.

Em 1977 foi criada a revista *Temas*, publicação que viria a ter grande importância para a editora. Tratava-se de revista de caráter político-ideológico, teórica, marxista e mais próxima de publicações acadêmicas, editada em formato de livro e com periodicidade quadrimestral.

O núcleo inicial da revista era composto por Raul, Marco Aurélio Nogueira, Gildo Marçal Brandão e José Chasin, estes três últimos professores na ESP.

Em 1977, as obras editadas ainda com o selo Grijalbo foram as seguintes:

- Engels, F. *As guerras camponesas na Alemanha*.
- Andrade, Manuel Correia de. *Espaço, polarização e desenvolvimento*.
- Costa, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*.
- Barreto, Tobias. *Estudos de Filosofia*. (coleção Estante do Pensamento Brasileiro)
- Reale, Miguel. *Experiência e cultura*. (coleção Estante do Pensamento Brasileiro)
- Chacon, Wamireh. *História das idéias sociológicas no Brasil*. (coleção Estante do Pensamento Brasileiro)

Desentendimentos pessoais entre Raul e Miguel Reale levaram ao fim da coleção Estante do Pensamento Brasileiro. Além disso, segundo Raul, “*Sem entrar no valor intrínseco dos livros que faziam parte dessa coleção, eu já tinha concluído que, comercialmente, só me prejudicavam, passando uma imagem de editora de livros difíceis de vender*”.

Com a marca Grijalbo foram editados mais dois títulos. “A economia cristã dos senhores no governo dos escravos, de Jorge Benci S.J., [um padre jesuíta do século XVIII], que passou a ser o volume 3 da coleção *Brasil Ontem e Hoje*, por indicação do Reynaldo X. Carneiro Pessoa. [...]”.

“*Cartas filosóficas e outros escritos foi o último livro editado pela Grijalbo antes de transformar-se em LECH – Livraria e Editora Ciências Humanas Ltda. As cartas de Marx e Engels dessa edição, embora fossem também importantes, serviam para camuflar o “Manifesto do Partido Comunista”, que também fazia parte dessa*

*edição, mas que se estampado na capa do livro poderia trazer problemas para a editora devido à situação política.”*

### **Fim da Grijalbo e começo da Livraria e Editora Ciências Humanas (LECH)**

Em setembro de 1976 começou a haver problemas entre a Grijalbo brasileira e a Grijalbo espanhola – a original, com sede em Barcelona. A venda da Grijalbo brasileira fora feita pelo sr. Munfort sem que isso fosse informado à Grijalbo original. As duas eram empresas independentes, não havia vínculo societário entre elas, sendo a editora brasileira inicialmente representante da espanhola no país, importadora dos seus livros. Posteriormente, a Grijalbo brasileira passou também a editar livros em português. Em virtude da amizade entre o sr. Munfort e o sr. Juan Grijalbo, proprietário da empresa espanhola, foi autorizado o uso da marca Grijalbo no Brasil, sem ônus.

Foi nessa situação que Raul comprou a empresa e continuou a operá-la, como já visto. Todavia, em virtude de problemas comerciais, em 1975-1976 a Grijalbo, já sob administração de Raul, atrasou o pagamento de algumas remessas de livros importados de diversos países. Esses credores começaram a enviar cartas de reclamação e de cobrança para a Grijalbo de Barcelona, achando que havia ligação empresarial entre as duas editoras. Foi dessa forma que o sr. Grijalbo tomou conhecimento de que não era mais o sr. Munfort o dono da Grijalbo brasileira.

Em virtude dessas reclamações, a empresa espanhola enviou correspondência à brasileira determinando que esta trocasse de nome, uma vez que não havia sido informada da venda da empresa pelo sr. Munfort e que não existia autorização para o uso do nome Grijalbo no Brasil.

Após uma troca de correspondência que foi se tornando cada vez mais áspera, por fim em novembro de 1977 Raul acabou resolvendo mudar o nome da sua editora, unificando formalmente a editora e a livraria, criando a Livraria e Editora Ciências Humanas Ltda.

Contando com a colaboração de professores da Universidade de São Paulo (USP), principalmente da área de ciências humanas, Castell publicou coleções de textos clássicos do pensamento socialista, obras sobre o movimento operário brasileiro, clássicos do eurocomunismo, além da revista *Temas*, que discutia assuntos políticos e históricos.

As principais coleções publicadas foram: *História e Política*, *Brasil Ontem e Hoje*, *Memória & História*, *A Questão Social no Brasil* e a revista *Temas*.

Até 1982 a LECH publicou um total de 70 títulos (incluídos os da fase Grijalbo), além de dez números da revista *Temas* e quatro da revista *Discurso*, num total de 84 títulos, se considerarmos cada número das revistas como um título (ver anexo 1).

### **Organização da empresa**

Como foi o processo de organização interna da LECH para enfrentar as novas funções incorporadas à empresa com a área editorial? Como isso afetou a estrutura anterior, restrita à livraria, ou seja, voltada primordialmente para o aspecto comercial? Houve um planejamento para que a empresa assumisse essas novas tarefas e tivesse êxito ao fazê-lo?

Para tentar responder a estas perguntas é interessante verificar qual era e como funcionava a estrutura gerencial e administrativa da empresa e como algumas questões práticas foram enfrentadas a partir do momento em que a livraria tornou-se também editora.

Aqui, devemos lembrar que a LECH era uma pequena empresa, com estrutura quase familiar, em que a figura do proprietário se confunde com a do administrador. As decisões estão concentradas nesta figura, que é o coração da empresa. Assim, e levando em conta o estágio atual de minha pesquisa, a melhor forma para iniciar esta investigação é observar como esta figura central da empresa, no caso Raul Mateos Castell, avalia mais de 20 anos depois essa experiência. Para facilitar nossa análise, separei as questões principais em alguns tópicos: estrutura da empresa e profissionalismo; capital da empresa; funcionários; relação com autores; questões editoriais; rentabilidade.

Assim, apresento a seguir trechos do depoimento de Raul sobre estes tópicos. A partir deles poderemos analisar preliminarmente a questão central que nos propusemos neste artigo.

#### *Estrutura da empresa e profissionalismo*

“A editora e a livraria funcionavam separadas. Na 7 de Abril funcionava a livraria no primeiro andar, e no subsolo havia duas salas em que funcionava a editora.”

“Chegamos a ter sete funcionários, somando livraria e editora. Havia dois rapazes na expedição (pacotes, correio, serviço de reembolso postal) e um revisor fixo (isso durante cerca de dois anos, depois foi sempre free lancer), além de um atendente na livraria, um vendedor externo, uma moça que fazia a secretaria da editora.”

“Eu cuidava de tudo, da parte editorial e da parte comercial – parte de compra, de gráfica, de produção, tudo isso era eu que fazia...”

“Na parte comercial eu tinha a ajuda da Terezinha, e havia também uma moça que escrevia as correspondências, mas era tudo sob controle meu.”

“Eu assumia inúmeras tarefas, de gerenciamento, de editor, correspondência, orçamentos, produção gráfica, compra de papel, contato com representantes em outros estados.”

*“Eu tinha que lidar com autores, fazer a correspondência nacional e internacional e não podia me concentrar muito tempo numa só coisa.”*

“Eu não lia todos os livros, não. Eu dava uma olhada. Acho que no tempo que tive a editora foi quando eu li menos. O que eu fazia, muitas vezes, era revisão, conferir revisão, mas isso não é ler livro, você está preocupado se está faltando uma letra, se está faltando uma vírgula... Porque veja, minha vida naquela época era muito doida... Eu chegava às oito horas da manhã na livraria e precisava ver se tinha que comprar papel, telefonava para comprar papel, falava com a pessoa que fazia revisão, tinha que falar com o tradutor, ou seja, cuidava da produção, muitas vezes fazia até capa de livro com letreset... Eu saía da editora nove e meia, dez horas da noite.”

“Por vezes contratávamos um capista, mas muitas vezes era eu mesmo que fazia... Porque eram capas padronizadas, de coleção, mais ou menos parecidas.”

“As funções de revisor e capista eram mais profissionalizadas. As outras era eu que concentrava quase tudo, o setor de compras, orçamentos, era eu que fazia tudo.”

*“Eu recebia muitas críticas por ter a ‘mania de fazer tudo’. Na verdade não era ‘mania’, era falta de recursos, dinheiro. Se eu tivesse seguido essa orientação de fazer as coisas como ‘devem ser feitas’, com uma ‘concepção empresarial e moderna’, a minha firma teria terminado muito antes, deixando de pagar muitos fornecedores.”*

“Resumindo, eu tocava a editora e na parte comercial tinha a ajuda da Terezinha. Além disso havia a assessoria dos palpiteiros, ‘olha, descobri um livro que é uma maravilha...’”.

“Em relação à parte legal, havia um contador, que não era empregado meu, que cuidava da contabilidade, tudo certinho...”

“Eu definia desde a produção gráfica, ou seja, tipo de papel, tipo de acabamento... A Terezinha tinha um papel importante, além de se encarregar de muitas funções, que era ter os pés no chão, chegar para mim e dizer, ‘acho que não vai dar’. Aí eu parava um pouco, pensava, ‘é, pode ser que ela tenha razão’. Examinávamos tudo e

decidíamos, ‘bom, então vamos um pouco mais devagar; não, esse mês não vai dar para imprimir esse livro, vamos entrar na faixa perigosa, então espera o mês que vem’. Foi uma coisa muito cansativa...”

“Havia um planejamento, só que os planos em geral não davam certo, porque o dinheiro não chegava. Planejava isso, mas planejava contando que fosse sair um dinheiro... Outras vezes a culpa não era minha. Gráfica dá muita mancada, dizia que o livro ia ficar pronto no dia 30 e ficava pronto no dia 15 do mês seguinte... Às vezes um atraso desse, conforme a época do ano, não tem muita importância, mas em algumas ocasiões tem, porque se o livro deve ser entregue no dia 15 de novembro mas só chega em dezembro, não adianta, vou vender para quem?”

### *Capital da empresa*

“Durante a maior parte da existência da editora eu, além de dono, era o mantenedor da empresa. Ela foi criada com dinheiro meu e da Terezinha. [...] No final, virou uma sociedade, com quatro sócios minoritários, para tentar dar uma injeção de capital, mas vi que a injeção não ia ressuscitar o defunto, então devolvi o dinheiro para eles. Achei melhor afundar sozinho...”

“Isso foi mais ou menos em 1980, quando vi que a coisa estava periclitando. Então o Marco Aurélio Nogueira, o Martim César Feijó, o Heládio Pastana e mais um amigo meu entraram com um dinheiro como sócios minoritários. Algum tempo depois concluí que nem isso ia resolver o problema, mas que ainda estava em tempo de, vendendo o carro que eu tinha acabado de tirar do consórcio, devolver o dinheiro para eles...”

### *Relação com funcionários*

“Todos os funcionários sempre foram registrados, com carteira assinada, férias, décimo terceiro... Eu já fui prejudicado por funcionário, mas prejudicar funcionário, isso eu nunca fiz... Por exemplo, o funcionário chega e diz, ‘olha, eu queria sair... você faz de conta que está me mandando embora, assim eu recebo o Fundo de Garantia’. Tudo bem, na época isso não custava nada. Só que cinco minutos depois de eu assinar a demissão, ele chega e diz, ‘bom, então a partir de amanhã eu vou sair uma hora mais cedo...’. Você está entendendo como é que é o negócio? Quer dizer, ele só está vendo o lado dele. Eu estou quebrando o galho dele, mas estou supondo

que o cara vai continuar trabalhando normalmente, eu não estou de fato mandando ele embora, mas como eu estou assinando um papel que diz que estou mandando ele embora, ele quer todos os direitos que estão ali consolidados.”

### *Relação com autores*

“Sempre fiz contrato com os autores nacionais e sempre paguei direitos autorais... não fiquei devendo nada para ninguém... Agora, com uns eu tinha uma relação boa, amigável, sem atrito nenhum. O José de Souza Martins e a Emília Viotti, por exemplo. Problemas mesmo só com o Clovis Moura, que estava sempre precisando de dinheiro. Eu até pagava adiantado para ele, às vezes. Mas ele reclamava muito, dizia que os editores só queriam saber dos autores quando precisavam editar um livro, depois os esqueciam, coisas assim. Às vezes discutíamos mais seriamente, mas depois ele esfriava a cabeça, a gente tinha um papo amigável, tomava um café, mas era assim...”

*“Livros de autores nacionais editei poucos, felizmente, pois lidar com autores é algo também muito cansativo. Reclamam permanentemente da distribuição de seus livros [...]”*

“O autor de modo geral parte do princípio de que você está enganando ele... uma boa parte dos autores... Você fala que imprimiu 3 mil exemplares e ele desconfia que não são 3 mil, que foram 10 mil... Quando você está prestando conta de 500 exemplares, acha que foram vendidos de fato 1.500... Não digo que seja todo mundo, mas há uma tendência em desconfiar, achar que o editor está querendo enrolar.”

“Mas há também outro tipo de autor, que não está fazendo questão nenhuma dos direitos autorais, e fica já muito satisfeito por ter seu livro editado. ‘Ah, esse cara editou meu livro, ainda bem, consegui que editassem...’”

“Depois tem um outro tipo de problema com o autor, ele sempre acha que o livro dele está sendo mal distribuído. Reclama, ‘estive na Livraria Teixeira, não tem meu livro lá’. Então ele parte do princípio de que é uma deficiência do distribuidor, que no caso era eu, a editora... Ele não pensa no seguinte, que você vai lá oferecer o livro para o livreiro e ele não quer comprar... ‘Esse livro não é adequado para a minha livraria’ ou ‘não tenho verba este mês, acabou, estão fechadas as compras’... Mil e uma razões...”



“Na época não era comum se pagar o autor com exemplares do livro, agora parece que isso está virando moda... A gente dava uns exemplares para o cara distribuir e pronto...”

“Um autor que herdei da Grijalbo, que era autor de um dos livros que eu vendia mais, foi o Isaías Paim. Vendi 30 mil exemplares do livro *Curso de Psicopatologia*. O outro livro dele, *Tratado de Clínica Psiquiátrica*, vendeu no mínimo uns 10 mil exemplares, três ou quatro edições. E nunca tive problemas com ele, era um sujeito educado. Até que um dia a Simone, minha filha, que estava trabalhando comigo na editora uma temporada, se enganou numa prestação de contas. Aí o sujeito virou bicho, achou que estava sendo enganado. Não me deu nem chance de explicar a ele o que ocorrera. Ele morava em Brasília e me pediu para devolver os direitos do livro para ele, pois iria passar para outra editora. Foi um negócio muito chato. E ele sempre havia sido um sujeito tão cordial...”

#### *Questões editoriais*

“Na definição da programação editorial, eu tinha a colaboração de algumas pessoas, como o Reynaldo Xavier, o Marco Aurélio Nogueira, o Gildo Marçal Brandão e outros, mas a decisão e os riscos ficavam por minha conta.”

“As tiragens em geral eram de 3 mil exemplares. Depois, no fim, 2 mil no mínimo... menos do que isso também não dava, porque na época encarecia muito o livro...”

“Os livros que mais vendiam eram os do Isaías Paim, não há dúvida. Depois desses, eu cheguei a fazer duas edições de *Da Monarquia à República* e de *Da Senzala à Colônia*, os dois da Emília Viotti. De *A Ideologia Alemã* fiz três edições. Mas a maioria dos livros ficou em uma edição mesmo... Houve livros em relação aos quais tivemos grande expectativa, como, por exemplo, *A Quinta Estrela*, de Getúlio Bittencourt, mas que decepcionaram. Os clássicos depois esgotaram todos... fiquei vendendo cinco ou seis anos depois, dez anos...”

*“Na minha experiência como editor verifiquei que belas pesquisas e excelentes idéias são freqüentemente involucradas numa forma caótica e confusa que mostra o pouco conhecimento da língua portuguesa por parte dos autores. [Alguns textos] tinham que ser quase que totalmente refeitos para se tornarem compreensíveis, implicando isso idas e vindas da editora para o autor e vice-versa. Havendo ainda as idas e vindas da revisão das provas gráficas.”*

“Tradutor também é um problema muito sério... Tive muito problema com tradutor. O que sempre se diz é que os tradutores são muito mal pagos. São, sim, muito mal pagos. Só que quando o tradutor é incompetente, lerdo e improdutivo, se você leva em conta só o que ele fez e o que ele recebeu pelo que fez, vê que não está ganhando tão mal assim. Outra coisa, se ele traduzir dez páginas por dia, o que ele recebe no fim do mês é uma coisa que não é muito, mas é razoável. Agora, se ele traduz uma página por dia, evidentemente que o que ele vai receber por mês é um salário de fome. Isso o pessoal não leva muito em consideração. Depois há uma tendência a achar também que, se você paga melhor o tradutor, ele fica um bom tradutor, mas se ele é ruim, continua ruim. Só que, evidentemente, se você começa a pagar melhor, vão aparecer tradutores mais inteligentes, mais competentes. Eu dava traduções para o Carlos Nelson Coutinho, para o José Paulo Neto, era uma beleza. Agora, teve tradutor para quem eu dei a tradução e até hoje estou esperando...”

“Os tradutores eram sempre contratados por serviço. Entregou a tradução, você paga, pronto. Houve só um caso de tradutor que fez questão de fazer um contrato que estabelecia que a tradução era para imprimir 3 mil exemplares do livro e que depois que essa edição terminasse os direitos da tradução voltavam a ser propriedade dele. Eu falei, não tem problema, fica com a tradução, paguei aquilo e acabou.”

Em relação a alguns clássicos socialistas que publicamos, geralmente eram traduções que já existiam, da Editora Vitória, vinculada ao PCB em tempos remotos. Então o pessoal pegava essas traduções, que muitas vezes haviam sido copiadas de traduções de Moscou, e fazia uma revisão, um cotejo com outras traduções... Eu estava para editar o *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, do Lenin. Foi o José Paulo Netto quem fez a tradução. Ele pegou quatro traduções diferentes, inglês, francês, espanhol e inclusive uma tradução de Moscou, cotejou todas elas, fez uma tradução para o português. Mas foi numa época em que eu não tinha mais fôlego para editar, então vendi a tradução para a Editora Abril, que lançou naquela coleção Os Economistas. Eles tinham uma equipe que conhecia russo, foram ver os originais em russo e só acharam um pequeno defeito num trechinho, de tão bem feito que era o negócio. O José Paulo fez um trabalho muito bom. Se tivesse muita gente como ele seria ótimo, ele tinha uma capacidade, uma velocidade para trabalhar, incrível.”

“Eu tirava dinheiro da livraria para editar livro. [...] Acho que sempre a livraria financiou a editora. A editora em nenhum momento foi rentável. Eu nunca tirei um tostão da editora... Vivia do que eu vendia na USP. Na verdade, a editora era subsidiada pela livraria... A editora foi uma ocupação que apenas me desgastou... fisicamente e mentalmente, não me deu nada, me ocupou o tempo, só alimentou algumas ilusões... felizmente eu fechei, não fiquei devendo nada para ninguém, dei baixa na Junta Comercial.”

### **Conclusões preliminares**

Precisamos sempre ter em conta, nestas conclusões preliminares, que até o momento nossa fonte principal é o proprietário/administrador/editor Raul Mateos Castell, o que faz com que tenhamos que relativizar um pouco os dados. Pois, se não existe dúvida de que ele é a figura central e determinante da empresa, devemos confrontar as suas informações e análises com as de outras pessoas que participaram em diversos graus do empreendimento. Os diferentes pontos de vista que surgirem permitirão chegarmos a um quadro mais sólido que aponte conclusões mais consistentes sobre a LECH.

A partir do que temos até o momento podemos levantar algumas questões sobre a gestão empresarial da editora e seus resultados econômicos e políticos.

A primeira questão que salta aos olhos é a enorme concentração de decisões e funções exercidas pelo proprietário, o que nos leva a chamá-lo de proprietário/administrador/editor. Cuidando do planejamento, das tarefas do dia-a-dia, da editora e da livraria, do setor comercial e da produção editorial e industrial do livro, é evidente que nem tudo poderia ser feito da melhor forma possível. Reflexo de falta de capital, falta de planejamento, falta de estrutura profissional, por um lado; por outro, indício do modo encontrado na prática para tocar a empresa, fazê-la andar, levar adiante o sonho representado por aquele empreendimento. Esse não é um quadro incomum em micro e pequenas empresas – e mesmo em empresas de maior porte –, ou seja, um baixo nível de profissionalização da estrutura da empresa.

Uma segunda questão, que se liga diretamente à primeira, é o fato de que a decisão de entrar no ramo editorial foi pouco estudada do ponto de vista da viabilidade do negócio e da capacidade empresarial do empreendedor. Parece não ter havido uma análise mais aprofundada das conseqüências do passo dado, sendo a decisão baseada mais em impressões subjetivas do que em informações econômicas confiáveis. Ao lado disso, não foram tomadas medidas no sentido de aportar conhecimentos e *know-how* para o novo ramo em que se começaria a atuar, tomando-se como base o conhecimento empírico, fruto da experiência, o que em si não é negativo, mas certamente custa mais caro para uma empresa. Sem dúvida, valeu mais o

voluntarismo e o projeto político vinculado ao projeto editorial do que a racionalidade empresarial.

Ligada à segunda vem a terceira questão, o pouco capital para iniciar o novo negócio. Se o capital proveniente da livraria foi suficiente para dar início à editora e para permitir que operasse durante alguns anos, parece que a editora em nenhum momento foi capaz de gerar recursos que permitissem ampliar o negócio. Planos tinham que ser revistos com frequência, vivia-se numa situação em que a manutenção da empresa passava a ser a principal questão, ficando a possibilidade de expansão dos negócios como algo a ser pensado em um futuro que não chegava nunca. A tentativa de trazer novos sócios já ocorreu numa situação de crise, como decorrência de problemas para a manutenção da editora, e não num quadro de crescimento.

Um ponto que será necessário investigar mais é o das relações políticas da LECH e de seu proprietário, em particular com grupos que atuavam no então clandestino PCB, que passava por um processo de reorganização interna e, logo em seguida, de divisões internas.

Mas é importante destacar também os fatores positivos. Com todas as deficiências de ordem empresarial e administrativa, a LECH conseguiu durante alguns anos levar adiante o projeto de ser uma editora que publicava o pensamento de esquerda, marxista, ajudando ao lado de outras editoras a alargar as possibilidades editoriais e políticas no país. Trouxe para o país autores estrangeiros pouco conhecidos, como Georg Lukács, Antonio Gramsci e alguns dos expoentes do então pouco conhecido eurocomunismo. Lançou ou fez circular novamente no Brasil autores nacionais que ainda estavam no exílio, como Leandro Konder, Emília Viotti da Costa, Carlos Nelson Coutinho e outros.

Ou seja, teve um papel político significativo, no campo da esquerda e na universidade, que não pode ser medido somente pelo aspecto do resultado econômico da empresa.

Mas um primeiro olhar parece deixar claro que as dificuldades enfrentadas e não vencidas no âmbito empresarial, econômico e administrativo foram determinantes para que o projeto da editora não fosse adiante, levando ao fim da empresa. Todavia, é preciso considerar que alguns fatores ligados à conjuntura política da primeira metade dos anos 1980 também atuaram no sentido de criar obstáculos à continuidade do empreendimento – tema que pretendo desenvolver mais com o andamento das pesquisas.

## **Anexo 1 – Publicações da Editorial Grijalbo e da Livraria e Editora Ciências Humanas**

### **Editorial Grijalbo**

BEVILÁQUA, Clóvis. *Obras Filosóficas*, 2 vol. 1975.

ORLANDO, Artur. *Ensaio de crítica*. 1975.

MARX, K. *Miséria da Filosofia*. 1976.

REALE, Miguel A *Filosofia em São Paulo*. Estante do Pensamento Brasileiro. 1976.

PAIM, Isaías *Curso de Psicopatologia*. 3a edição, 2a reimpressão. 1976.

VIEIRA, Evaldo Amaro. *Oliveira Vianna e o Estado Corporativo*. 1976.

ENGELS, F. *As guerras camponesas na Alemanha*. 1977.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Espaço, polarização e desenvolvimento*. 1977.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*. 1977.

BARRETO, Tobias. *Estudos de Filosofia*. Estante do Pensamento Brasileiro. 1977.

REALE, Miguel. *Experiência e cultura*. Estante do Pensamento Brasileiro. 1977.

CHACON, Wamireh. *História das idéias sociológicas no Brasil*. Estante do Pensamento Brasileiro. 1977.

BENCI, Jorge S.J. *A economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. 1977.

MARX, K. *Cartas filosóficas e outros escritos*. 1977.

### **Livraria e Editora Ciências Humanas Ltda.**

#### **Coleção Memória & História**

1 - *Astrojildo Pereira. Documentos Inéditos*. 1981. Capista não indicado. (W. Roth)

2 - *Cristiano Cordeiro. Documentos e Ensaio*. 1982. Capista não indicado. (W. Roth)

#### **Coleção A Questão Social no Brasil**

1 - TELLES, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. 1981. 2ª ed.

2 - PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. 1980. Capa de Yvonne Saruê.  
(Gráfica não indicada)

3 - DAMIANI, Gigi. *A questão social no Brasil: países para os quais não se deve emigrar*.

4 - MILET, Henrique Augusto. *Os quebra-quilos e a crise da lavoura*.

5 - MOURA, Clovis. *Rebeliões da senzala*.

6 - *PCB: Vinte anos de política - 1958-1979 (Documentos)*. 1980.

7 - SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*.

8 – CAPISTRANO FILHO, David et alli (orgs.) *O PCB em São Paulo: Documentos (1974-1981)*. 1981. Capa Yvonne Saruê.

#### **Coleção Brasil Ontem e Hoje**

1 - VIEIRA, Evaldo Amaro. *Oliveira Viana & o Estado corporativo*. (Grijalbo)

2 - COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 1ª edição: Grijalbo; 2ª edição: Ciências Humanas. 1979.

3 - BENCI S. J., Jorge. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. 1977. (Grijalbo)

4 - CHASIN, J. *O integralismo de Plínio Salgado*. 1978.

5 - COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*.

6 - MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 1981.

7 - SILVA, Janice Theodoro da. *Raízes ideológicas do planejamento: Nordeste (1889-1930)*. 1978. Capa de José Resende.

8 - SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à revolução brasileira*. 1978.

9 - ANDRADE, Manuel Correia de. *Agricultura & Capitalismo*. 1979. Capa de Raul Mateos Castell.

10 - ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem do Nordeste*.

11 - FIGUEIRA, Fàni Goldfarb. *Trigo e capitalismo*.

#### **Coleção História e Política**

1 - TOGLIATTI. *Lições sobre o fascismo*. 1978.

2 - KAUTSKY/LENIN. *A ditadura do proletariado. A revolução proletária e o renegado Kaustky*. 1979, 196 p., Cr\$ 180,00.

3 - STALIN. *O marxismo e o problema nacional e colonial*. 1979.

4 - NAPOLITANO. *O Partido Comunista Italiano, o socialismo e a democracia*. 1979. Capa de Yvonne Saruê. (Rumo Gráfica)

5 - LENIN. *Sobre os sindicatos*. 1979.

6 - TROTSKI. *Revolução e contra-revolução na Alemanha*. 1979.

7 - TROTSKI. *A revolução desfigurada*. 1979.

8 - LENIN. *O trabalho do partido entre as massas*. 1979. Capa de Yvonne Saruê.

9 - LENIN. *Quem são os amigos do povo e como lutam contra os sical-democratas*.

10 - MARX/ENGELS. *O manifesto do Partido Comunista e outros escritos*.

11 - LENIN. *O programa agrário da social-democracia*. 1980.

12 - CROSSMAN. *Biografia do Estado Moderno*. 1980.

13 - LÖWY. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários* (A evolução política de Lukács - 1909/1929).

14 - ENGELS. *As guerras camponesas na Alemanha*. (Grijalbo)

15 - CERRONI. *Teoria do partido político*. 1982.

16 - GRUPPI. *Historicidade e marxismo*.

17 - INGRAO. *Crise e terceira via*. 1981. Capa de Yvonne Saruê. (Imprensa Metodista)

Revista *Temas* - 10 números.

Revista *Discurso* - números 9, 10, 11 e 12.

#### **Coleção Temas Atuais (Coord. Gildo Marçal Brandão)**

BITTENCOURT, Getúlio. *A quinta estrela*. 1978. Capa de Yvonne Saruê (Imprensa Metodista)

#### **Fora de coleção**

AJDUKIEWICZ, Kazimierz. *Problemas e teorias da filosofia* (Teoria do conhecimento e metafísica). 1979.

AMORIM, Antônio. *Fundamentos científicos da fonoaudiologia*. 1980.

ANDRADE, Manuel Correia. *Espaço, polarização e desenvolvimento*. 1977. (Grijalbo)

ARTIGAS, João Batista Vilanova. *Caminhos da arquitetura*.

CARVALHO, Edgard Assis (org.). *Antropologia econômica*. 1978.

COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal*. 1980. Capa de Raul Mateos Castell. (Imprensa Metodista)

FORTI, Reginaldo (org.). *Marxismo e urbanismo capitalista* (Textos críticos). 1979.

LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* 1979.

LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. 1979.

LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. 1979.

MARX. *Ideologia alemã I: Feuerbach, K. Marx, F. Engels*. 1979.

MARX. *O Capital*, Livro I, Capítulo VI (Inédito). 1978.

MARX. *Troca, igualdade, liberdade*. 1978.

MATTELART, Armand. *Multinacionais e sistemas de comunicação*. 1979, 288 p., Cr\$ 210,00.

MOURA, Clovis. *A sociologia posta em questão*. 1978. Capa de Raul Mateos Castell. (Símbolo Gráfica)

NAPOLEONI, Claudio. *Lições sobre o capítulo VI* (inedito) de Marx. 1981.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação*. 1981. Capista não indicado. (W. Roth)

PAIM, Isaías. *Curso de psicopatologia*. 1979. (edição inicial pela Grijalbo)

PAIM, Isaías. *Esquizofrenia*.

PAIM, Isaías. *Tratado de clínica psiquiátrica*. 1980.

REZK, Antonio. *Economia e a participação política dos trabalhadores*. 1978.

TALHEIMER, August. *Introdução ao materialismo dialético*. 1979.

TROTSKI. *A revolução permanente*.

## Bibliografia básica e fontes

### Livros

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, Mercado de Letras, 2000.

ALMEIDA, Marta de Assis *et alii*. *Enio Silveira*. São Paulo, Com-Arte/Edusp, Coleção Editando o Editor (coord. Jerusa Pires Ferreira), v. 3, 1992.

AMORIM, Sônia Maria de. *J. Guinsburg*. São Paulo, Com-Arte, Coleção Editando o Editor (coord. Jerusa Pires Ferreira), v. 1, 1989.

ANDRADE, Olímpio de Souza. *O livro brasileiro: progressos e problemas – 1920-1971*. Rio de Janeiro, Paralelo, 1974.

CABRINI, Conceição A. e GUEDES, Maria do Carmo. *Flávio Aderaldo*. São Paulo, Com-Arte/Edusp, Coleção Editando o Editor (coord. Jerusa Pires Ferreira), v. 2, 1991.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo, Estação Liberdade, 1997.

CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.

CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. “O livro: uma mudança de perspectiva”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

CORRÊA, Tupã Gomes. *Economia do mercado editorial*. São Paulo, Aberje, 1989.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo, Edunesp/Hucitec, 1992.

FERREIRA, Jerusa Pires (org.). *Arlindo Pinto de Souza*. São Paulo, Com-Arte/Edusp, Coleção Editando o Editor, v. 4, 1995.

FERREIRA, Jerusa P. *et alii*. *Livros, editoras e projetos*. São Paulo/ S. B. do Campo, Com-Arte/Ateliê, 1997.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (Sua história)*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985.

HOLANDA, H. B e GONÇALVES, M. A. Política e literatura: a ficção da realidade brasileira. In: FREITAS FILHO, A. *Anos 70. Literatura*. Rio de Janeiro, Editora Europa, 1980.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo, Scritta, 1991 (2ª edição, São Paulo, Edusp, 2003).

KNAPP, Wolfgang. *O que é editora*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

MAGALHÃES, A., HOUAISS, A., SILVA, B. *et alii*. *Editoração hoje*. Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1981.

MAUÉS, Flamarion. Editoras de oposição no Brasil no período de abertura política (1974-1985). In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *América Latina: encruzilhadas da história contemporânea*. São Paulo, Xamã, 2003, p. 129-140.

PAIXÃO, Fernando. *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996.

PONTES, H. “Retratos do Brasil: editores, editoras e ‘coleções brasileira’ nas décadas de 30 e 40 e 50.” In: MICELI, S. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 1. São Paulo, Vértice/Idesp, 1989, p. 359-409.

REIMÃO, Sandra. *Livros em revistas*. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1996.

REIMÃO, Sandra. *Mercado editorial brasileiro*. São Paulo, Com-Arte/Fapesp, 1996.

SCHIFFRIN, André. *La edición sin editores*. Barcelona, Destino, 2000.



*UMA POLÍTICA integrada do livro para um país em processo de desenvolvimento: preliminares para a definição de uma política nacional do livro.* São Paulo/Rio de Janeiro, Câmara Brasileira do Livro/Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1976, 2 vol.

#### **Artigos (em revistas, jornais e anais)**

- BRAGANÇA, Aníbal. “Uma introdução à história editorial brasileira”. *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. XIV / 2002, IIª Série, Livros e cultura escrita: Brasil, Portugal, Espanha. Coord. José Luiz Lisboa, Lisboa, Centro de História da Cultura, 2002, p. 57-83.
- COSTA, Caio T. “Quem é quem no mercado editorial”. *Leia Livros*, São Paulo, Brasiliense, mar. 1980, p. 23.
- SAES, Flavio A. M. “História de empresas e história econômica do Brasil”. In: *Anais do IV Congresso Brasileiro de História Econômica e 5ª Conferência Internacional de História de Empresas*. Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, São Paulo, 2 a 5 de setembro de 2001, p. 4 e 15.

#### **Documentos**

- BIBLIOGRAFIA sobre o mercado editorial no Brasil.* São Paulo, ECA/USP, 19—
- DELKÁDER, Jorge. *La actividad editorial como actividad empresarial*. Texto apresentado no I Curso de Formación para Editores de América y de España. Sociedad Iberoamericana de Amigos del Libro y de la Edición/ Universidad Carlos III de Madrid, março de 2001, mimeogr.
- GORINI, Ana Paulo Fontenelle e CASTELLO BRANCO, Carlos Eduardo. “Panorama do setor editorial brasileiro”. *Relato Setorial*, BNDES, Rio de Janeiro, nº 11, p. 3-26, mar. 2000. (<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/set1101.pdf>). Acessado em 15/01/2004.
- MATEOS CASTEL, Raul. *Manuscrito de memórias*. Manuscrito, São Paulo, 2004.
- SAAB, William George Lopes, GIMENEZ, Luiz Carlos Perez e RIBEIRO, Rodrigo Martins. “Cadeia de comercialização de livros: situação atual e propostas para desenvolvimento”. *Estudos Setoriais*, BNDES, Rio de Janeiro, dez. 1999. (<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/rel-livr.pdf>). Acessado em 15/01/2004.

#### **Entrevistas**

- Entrevista com Raul Mateos Castell, São Paulo, 4 de julho de 2002.
- Entrevista com Gildo Marçal Brandão, São Paulo, 21 de setembro de 2004.
- Entrevista com Marco Aurélio Nogueira, em São Paulo, em 11 de outubro de 2004.